

Festival mostra arte de Cordel

"Meu amor não posso ver/
Sua roupa na janela/ Vendo ela
sem você/ Só penso em você
sem ela". Com o mínimo de técnica
e o máximo de criatividade,
o cantador pode dizer tudo
no repente. O festival de violeiros
que termina hoje na Ceilândia
é uma demonstração autêntica
do que são capazes esses
poetas populares.

Sextilha, Tema, Martelo Agalopado, Quadrão e Galope na Beira do Mar são algumas das múltiplas formas, de acordo com o número de rimas, de fazer uma poesia ou de enquadrar o ritmo da viola num duelo entre repentistas. A sextilha, como o próprio nome diz, consiste em seis versos; o Mourão, em sete. Um dos estilos mais difíceis é o Margelo Agalopado, assim como o Galope na Beira do Mar, que exige muita concentração do cantador, que mal tem tempo de suspirar nos 10 versos entoados.

O folheto "Origem da Literatura de Cordel", do poeta Juvenal Evangelista Santos, é uma das melhores peças explicativas da história, papel e formas de expressão da cultura popular no Brasil. Começa dizendo que "Literatura são duas/ Prá quem quiser estudar/ Uma é rica e outra é pobre/ Uma pede e outra dá/ a científica é a pobre/ A rica é a popular".

A poesia popular não tem limites de criatividade nem de emprego. O Governo, por exemplo, está usando a arte mágica de Juvenal para disseminar a proposta de reforma agrária no Nordeste, o ambiente mais hos-

til a idéias consideradas comunistas no País.

"Sabemos que o projeto/ De longas datas já vem/ O pobre quer trabalhar/ Procura terra e não tem/ Quando Deus formou o mundo/ Não vendeu terra a ninguém. Os homens grandes da terra/ Cercaram todos terrenos/ Uns cultivam, outros não/ Uns têm mais, outros têm menos/ O certo é que não ficou/ Terra prá os homens pequenos".

Embora trabalhando sob encomenda, o poeta não se atocensura nem impõe barreiras à sua imaginação e aproveita o mote para transformar a peça num instrumento de denúncia da miséria a que é submetido o sem-terra do Nordeste:

"Com uma réca de filho/ Sem letra e roupa rasgada/ Sem terra, sem ferramnta/ Sem dinhie-

ro, sem moradia/ Vive esse herói brasileiro/ Sem ter um direito a nada. Quando a família adoecer/ Não pode se rezeitar/ Muito remédio sobrando/ Sem ele poder comprar/ Além de toda doença/ E preciso trabalhar. Quando é tempo de política/ O grande confia nele/ As vezes a troco de nada/ Ganha todos votos dele/ E diz que é representante/ Sem fazer nada prá ele".

Praticado hoje em todas as partes do País, como recurso de linguagem mais eficiente para atingir o homem simples, sem letra alguma ou de compreensão mediana (70 por cento do povo brasileiro), o cordel está sendo utilizado também pelo Movimento de Reintegração do Hanseniano, que lançou um folheto no Festival de Violeiros, como forma de quebrar o preconceito e o pavor contra os portadores da doença.

"Amigos, a hanseníase/ E doença que tem cura/ Se o doente quer curar-se/ E o tratamento procura./ Se o doente não se trata/ A enfermidade o maltrata O mutila, o desfigura". Mais adiante, aproveita para desfazer equívocos:

"Das moléstias contagiosas/ A hanseníase é/ Das que menos se transmite./ Muitos doentes, até,/ Que várias úlceras têm/ Não contagiam ninguém.../ Não lhes negue seu café. Entre os que pegam a doença/ A maioria é pobreza/ Gente simples, sem cultura/ Sem recurso, sem defesa/ E gente desempregada/ Que não tem vida asseada/ E a quem falta o pão na mesa".



Agora o cantador tem vez